

ESPÍRITO, CRIAÇÃO E LITURGIA: ANOTAÇÃO À LUZ DE UM RELATO BÍBLICO

Spirit, Creation, and Liturgy:
Annotation in the light of a Biblical report

Bruno da Silveira Albuquerque*

RESUMO:

Este artigo procura explicitar um entendimento introdutório de algumas relações teológicas constatadas a partir da leitura do texto bíblico de Gênesis 1,1 - 2,4a, considerando brevemente seu contexto histórico e religioso imediato. A abordagem considera de modo privilegiado a articulação entre o Espírito de Deus, a criação e a dinâmica da liturgia.

Palavras-chave: Espírito Santo; Criação; Liturgia; Símbolo; Livro de Gênesis.

ABSTRACT

This article seeks to explain an introductory understanding of some theological relations found from reading the biblical text of Genesis 1,1 - 2,4a, briefly considering its immediate historical and religious context. The approach considers in a privileged way the articulation between the Spirit of God, the Creation, and the dynamics of the liturgy.

Keywords: Holy Spirit; Creation; Liturgy; Symbol; Book of Genesis

INTRODUÇÃO

O Concílio Vaticano II (1962-1965) trouxe significativa contribuição para a *pneumatologia*, reflexão teológica cristã sobre o Espírito Santo¹. A contribuição dos padres orientais foi fundamental nesse contexto e nesse aspecto². Mas o resgate da pneumatologia não foi feito efetivamente na constituição dogmática *Sacros-*

* Doutor e Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral (PUC-Rio). Membro da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Professor da rede pública municipal de educação de São João de Meriti (RJ). Membro da comissão editorial da *Revista Doxia* (FABRA-ES). Organizou com Bruna Marques Cabral e Glaucia Ferreira Lima de Brito o livro *Religião não se discute?* (Ed. Autografia, 2018). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4464502656551056>.

¹ Cf. VERHEUL, A. "Los símbolos del Espíritu Santo en la Biblia y en la liturgia". In: *Phase 90*, 1988, p. 3.

² Cf. CODINA, V. *Creio no Espírito Santo*. Pneumatologia narrativa. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 67-68.

*sanctum Concilium*³ sobre a liturgia, e sim principalmente na constituição *Lumen Gentium*, que trata do mistério da Igreja.

Antes desse Concílio, pode-se dizer do Espírito Santo como o “grande desconhecido” na teologia ocidental⁴. O mesmo já não se pode dizer das comunidades cristãs do Oriente, nas quais o Espírito é uma realidade historicamente mais explicitada em suas teologias. Assim, vale lembrar que além da influência de padres orientais que impulsionaram a pneumatologia no Vaticano II, houve um grande estímulo, depois, por alguns teólogos católicos pós-conciliares⁵. Essa retomada de consciência do Espírito na teologia e na liturgia influenciou inclusive a progressiva revisão dos textos litúrgicos.

A ideia de um Espírito (em hebraico *ruah*; em grego *pneuma*) tem suscitado dificuldades para o entendimento de muitos cristãos, pois escapa aos sentidos humanos, e é diferente da concretude humana do Filho e do nome humano do Pai⁶. O Espírito não tem aparência humana e seu nome não é humano, mas ainda assim podemos experimentar sua presença misteriosa (Jo 3,5), ele habita em nossos corações⁷.

Apesar da dificuldade dos símbolos impessoais do Espírito, ele está sempre presente, e é possível percebê-lo no princípio da criação (Gn 1,2), e na última página da Bíblia (Ap 22,17); no começo da vida humana (Gn 2,7) e no término escatológico ou início da vida gloriosa (Rm 8,11).

Faremos, no presente artigo, um breve apontamento acerca da relação entre Espírito divino, criação e liturgia, tomando como ponto de partida o conjunto narrativo de Gênesis 1,1-2,4a, em seu transfundo histórico. Antes, convém apresentar a dimensão simbólica do Espírito como *ruah*.

1 TEOLOGIA SIMBÓLICA DO ESPÍRITO

O texto bíblico, sobretudo o Primeiro Testamento, para designar a ação do Espírito Santo, apresenta diversas expressões, imagens e símbolos⁸. É bastante interessante notar que os três principais dentre eles sejam três elementos da natureza: o *ar*, a *água* e o *fogo*. Falta a terra nessa relação, pois esta se liga mais à ação humana e animal.

Se o Espírito é designado simbolicamente por esses três elementos, isso significa três afirmações fundamentais, conforme o estudo de Ambroise Verheul⁹:

³ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrossanctum Concilium*. Sobre a sagrada liturgia. 8ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 5, 6 e 43.

⁴ Cf. SESBOUË, B. *O Espírito sem rosto e sem voz*. Breve história da teologia do Espírito Santo. Aparecida: Santuário, 2012, p. 5-6; Cf. CODINA. Op. Cit., p. 38.

⁵ Yves Congar, Walter Kasper e François-Xavier Durrwell, por exemplo.

⁶ Cf. VERHEUL. Op. Cit., p. 4. Cf. SESBOUË. Op. Cit., p. 16-17.

⁷ Cf. KLOPPENBURG, B. *Parákletos: O Espírito Santo*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 21.

⁸ Cf. SESBOUË. Op. Cit., p. 10-11.

⁹ Cf. VERHEUL. Op. Cit.

Primeiro, que *escapa ao domínio do homem*, tal como sucede com esses elementos da natureza. Outro aspecto desses três elementos primários como símbolos do Espírito encontra-se no *dinamismo que caracteriza cada um deles*. Em cada um encontramos liberdade, movimento, impulso. Isso nos conduz a uma terceira característica desses elementos primários: têm, paradoxalmente, *uma dimensão ambivalente*, ou *paradoxal*. Portanto, esses símbolos que expressam a presença de Deus põem em evidência o que há de surpreendente e de inalcançável em seu agir.

Enquanto que o Espírito permanece em si mesmo escondido, ele só pode manifestar-se a nós em sua obra criadora. Com efeito, o nosso conhecimento do Espírito Santo não é de origem puramente intelectual, mas profundamente experiencial e integral. Portanto, urge em nossos dias uma teologia simbólica que não encerre o entendimento do cristão em conceitos abstratos e estritamente racionalizados, mas que abra a pluralidade de sentido, como uma verdadeira polissemia. O resgate do símbolo alargará os limites de nossa racionalidade, tornando possível uma vivência cristã profunda de sentido e experiência de Deus. Porque não é possível definir o Espírito e sua ação, apenas podemos fazer alusões através de linguagem simbólica, que tenta expressar a consciência que tomamos de suas ações que experimentamos. Sobre a importância do símbolo, alerta Mardones:

Sem a recuperação das dimensões simbólicas, evocadoras e sugestivas de Mistério, transcendência, profundidade..., não haverá um cristianismo vital, escola de fé e educação no trato substancial com o Mistério. Tudo continuará sendo repetição ritual ou moralismo mais ou menos atualizado. Um cristianismo sem vitalidade simbólica será um cristianismo talvez com alguma força institucional, mas sem capacidade de inquietação ou sugestão. Será filho do ritual, mas sem oxigênio renovador nem impulsionador. Terá consistência da organização, da boa administração e da burocracia e até da sofisticada conceituação teológica, mas carecerá do dinamismo e da alegria que apontam para o Mistério e vivem dele. Tere-mos uma fé inflexível, carente de esperança e do futuro, da celebração e da festa, da ampliação do sentido e da expansão da existência¹⁰.

2 O SÍMBOLO DO VENTO

Dos três símbolos de que falávamos acima, destacaremos agora o mais básico que é o do sopro ou vento, designado pela expressão hebraica *ruah*. O Espírito de Deus como *ruah*¹¹ está presente no segundo versículo da Bíblia. Ele plainava

¹⁰ MARDONES, J. M. *A vida do símbolo. A dimensão simbólica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 11.

¹¹ Para um panorama exegético sobre a *ruah* no Antigo Testamento ver: SANTANA, L. F. *Liturgia no Espírito. O culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida*. São Paulo: Reflexão; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015, p. 20-21; GUIMARÃES, A. R. O Espírito Santo no Antigo Testamento. In: VAZ, H. C. L. et al. *O Espírito Santo: Pessoa, presença, atuação*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 59-61; HILDEBRANDT, W. *Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2004, p. 17-43. Existe também uma interpretação corrente da expressão *ruah elohim* como vento impetuoso, como elemento antagônico que participa do caos e é dissipado pela ação divina. Cf. RIBEIRO, O. L. "Vento tempestuoso: Um ensaio sobre a tradução e a interpretação de Gn 1,2 à luz de Jr 4". In: *Fragmentos de Cultura* v. 12, n. 4, Goiânia: Ed. UCG, julho/agosto de 2002, p. 573-598.

sobre o caos, agitava a face das águas (Gn 1,2). Assim também o vento fez habitável a terra após o dilúvio (Gn 8,1). Água, vento e Espírito formam uma conjuntura no relato da travessia do Mar Vermelho (Ex 14,21; 15,8), imagem retomada por Isaías (11,15). O sopro ou alento de Deus foi o que infundiu vida no homem (Gn 2,7). “Toda vida é sagrada porque toda vida vem de Deus”¹², e se ele retira seu sopro, só resta a morte (Sl 104,29-30; 33,6; Jó 34,14-15).

Essa ideia do Espírito como sopro também perpassa o Segundo Testamento. No Evangelho de João exemplifica-se bem o símbolo do vento. Foi assim no relato sobre Nicodemos a propósito do Espírito (cf. Jo 3,5). Quando descreve a morte de Jesus, descreve-a como transmissão do Espírito (Jo 19,30), e depois o Ressuscitado sopra sobre os discípulos temerosos, dizendo: “Recebei o Espírito Santo”. Na cena de Pentecostes, a imagem do fogo une-se ao vento impetuoso como ação do Espírito (At 2,1-4). Diante dessa breve noção simbólica do Espírito Santo como vento, apresentaremos a relação intensa entre Espírito, criação e liturgia, a partir das primeiras páginas da Escritura.

3 O CONJUNTO DE GÊNESIS 1,2 - 2,4A COMO LITURGIA

Consideramos importante lembrar que existe uma interpenetração profunda entre Escritura e liturgia, que muitas vezes não percebemos imediatamente. Assim como a liturgia celebrada por judeus e cristãos tem a Escritura como fonte de inspiração, a própria Escritura surgiu como fruto da celebração da fé em Deus, que considera seus atos salvíficos¹³, e, além disso, Escritura e liturgia contêm o mesmo mistério: Jesus Cristo¹⁴.

Ao lermos as primeiras páginas Bíblia, devemos ler também o contexto em que foram escritas. Para Westermann, não resta dúvida de que o texto da primeira criação faz parte do chamado documento sacerdotal, escrito no tempo do exílio babilônico de Judá, e que o cume de sua teologia litúrgica é a instauração do culto a Deus em Jerusalém¹⁵. É rica de imagens a narrativa de Gênesis 1,1 - 2,4a, demonstrando dimensões que não se esgotam aqui. Nossa intenção é somente ressaltar a relação entre Escritura e liturgia a partir dessa narrativa, destacando a ação do Espírito-*ruah*. Transcrevemos o texto em foco a partir de uma tradução literal, feita por Leonardo Agostini Fernandes¹⁶:

Gn 1-2,4a

1 No princípio, Deus *criou* os céus e a terra.

¹² VERHEUL. Op. Cit., p. 10.

¹³ Cf. BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 22, 58-59.

¹⁴ Cf. BOSELLI. Op. Cit., p. 22.

¹⁵ WESTERMANN, C. *O livro do Gênesis. Um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 22.

¹⁶ Cf. FERNANDES, L. A. “Teologia, antropologia e ecologia em Gn 1,1 – 2,4a”. In: *Atualidade Teológica* 37. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011, p. 34-36.

2 A terra era sem forma e vazia, as **trevas** cobriam a face do **abismo**, mas o **espírito de Deus** soprava sobre a **superfície das águas**.

3 **E Deus disse**: «Haja **luz!**» E houve luz.

4 Deus viu que a luz era boa; e Deus separou a **luz das trevas**.

5 Deus chamou a luz, «**dia**», e as trevas, «**noite**». E houve **tarde** e houve **manhã: primeiro dia**.

6 **E Deus disse**: «Haja um **firmamento** entre as águas, que separe as águas das águas».

7 Deus fez um firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das águas que estavam sobre o firmamento. **E aconteceu assim**.

8 Deus chamou o **firmamento**, «**céus**». E houve **tarde** e houve **manhã: segundo dia**.

9 **E Deus disse**: «Que as águas debaixo dos céus sejam recolhidas num único lugar e que o enxuto apareça». **E aconteceu assim**.

10 Deus chamou o enxuto, «**terra**», e chamou as águas recolhidas «**mares**». **E Deus viu que era bom**.

11 **E Deus disse**: «Produza a terra vegetação, ervas que façam sementes e árvores frutíferas que, segundo a sua espécie, carreguem frutos contendo, em si, a própria semente, sobre a terra». **E aconteceu assim**.

12 A terra produziu vegetação, ervas que faziam sementes segundo a sua espécie e árvores que carregavam fruto contendo, em si, a própria semente, segundo a sua espécie. **E Deus viu que era bom**.

13 E houve **tarde** e houve **manhã: terceiro dia**.

14 **E Deus disse**: «Haja luminares no firmamento dos céus para separar o dia da noite; e serão sinais para as estações e para os dias e para os anos;

15 E que hajam luminares sobre o firmamento dos céus para fazer luz sobre a terra». **E aconteceu assim**.

16 E Deus fez os dois grandes luminares: o luminar grande para o governo do dia e o luminar pequeno para o governo da noite; e fez as estrelas.

17 E Deus os colocou no firmamento dos céus para fazer luz sobre a terra,

18 e para governar o dia e a noite e para separar entre a luz e a treva. **E Deus viu que era bom**.

19 E houve **tarde** e houve **manhã: quarto dia**.

20 **E Deus disse**: «Fervilhem as águas um fervilhar de seres vivos, e voláteis voem sobre a terra, sobre a face do firmamento dos céus».

21 Deus criou os grandes monstros e todos os seres vivos que se movem; que fervilhem as águas, segundo a sua espécie, e todos os voláteis alados, segundo a sua espécie. **E Deus viu que era bom**.

22 **E Deus os abençoou** dizendo: «Frutificai e tornai-vos numerosos e enchei as águas dos mares e se multipliquem os voláteis sobre a terra».

23 E houve **tarde** e houve **manhã: quinto dia**.

24 **E Deus disse**: «Faça sair a terra seres vivos segundo a sua espécie: fera e réptil, e vivos de terra, segundo a sua espécie». **E aconteceu assim**.

25 E Deus fez os viventes da terra segundo a sua espécie, e a fera por sua espécie e cada réptil do solo, segundo a sua espécie. **E Deus viu que era bom.**

26 **E Deus disse:** «Façamos *Adam* como nossa imagem, como nossa semelhança e dominem o peixe do mar e o volátil dos céus e a fera e toda a terra e todo o réptil que rasteja sobre a terra».

27 E Deus criou *o Adam* como sua imagem; como imagem de Deus o criou, macho e fêmea os criou.

28 **E Deus os abençoou;** e Deus lhes disse: «Frutificai-vos e sede numerosos e enchei a terra e conquistai-a e dominem o peixe do mar e o volátil dos céus e todo vivente do firmamento sobre a terra».

29 **E Deus disse:** «Eis que eu dou para vós toda a erva portadora de semente que existe sobre a face de toda a terra e toda árvore que, nela, frutos de árvore porta semente: para vós será por alimento.

30 E para todo vivente da terra e para todo volátil dos céus e para todo réptil sobre a terra, que nele há respiro de vida, [dou] toda a erva verde como alimento». **E aconteceu assim.**

31 **E Deus viu tudo que havia feito e eis que era muito bom.** E houve *tarde* e houve *manhã: sexto dia.*

2,1 E foram completados **os céus e a terra** e todo seu exército.

2 E Deus completou no **sétimo dia** as suas obras que havia feito e cessou no sétimo dia de todas as suas obras que havia feito.

3 **E Deus abençoou o sétimo dia** e o consagrou, porque nele tinha terminado todas as suas obras que tinha criado Deus ao fazer.

4a Essas são as origens dos **céus** e da **terra** com o que foi **criado** neles.

Conforme Brueggemann, o texto da primeira página de Gênesis “é uma espécie de narrativa litúrgica que conta a história da criação de uma forma altamente estilizada”¹⁷. Gramaticalmente, o mesmo autor considera o primeiro versículo subordinado ao segundo. Assim, o versículo dois torna-se, de fato, a sentença inicial da Bíblia¹⁸, em que o Espírito/sopro de Deus (*ruah elohim*) protagoniza a ação fundamental logo antes da primeira palavra pronunciada. Também André Wénin traduz o texto de Gênesis 1,1-2 dessa forma: “Quando Elohim começou a criar os céus e a terra, ora a terra era tohu e bohu, e trevas sobre a face do abismo, e vento de Elohim agitando sobre a face das águas”¹⁹.

O vento ou Espírito de Deus é mais do que um simples adereço nessa narrativa. Ele compõe a afirmação pneumatológica mais importante do Primeiro Testamento²⁰. O Espírito transformava o caos original em um cosmo habitável, considerando, no entanto, que o texto não define esse caos (tohu-bohu)²¹.

¹⁷ BRUEGGEMANN, W. *Teologia do Antigo Testamento. Testemunho, disputa e defesa*. São Paulo: Academia Cristã/ Paulus, 2014, p. 222.

¹⁸ Cf. BRUEGGEMANN. *Teologia do Antigo Testamento*, p. 222-223.

¹⁹ WÉNIN, A. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano. Leitura de Gênesis 1,1-12,4*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 18.

²⁰ Cf. BULGAKOV apud SANTANA. *Liturgia no Espírito*, p. 23.

²¹ Cf. SANTANA. *Liturgia no Espírito*, p. 23-24.

A tradução do versículo dois ainda suscita debates, mas geralmente é aceita a interpretação de que o texto se refere à imagem de uma ave que se movimenta e choca seus filhotes, ou também a imagem de uma águia ensinando seus filhotes a voar²². O Espírito é o sopro divino gerador de vida e vitalidade, antecipando a palavra divina²³. Na mentalidade semita, há um paralelo entre palavra e Espírito (Sl 33,6), como explica Hildebrandt:

É evidente que *ruah elohim* não está somente supervisionando a obra da criação, mas de fato está trazendo à tona a criação por meio da palavra. A passagem está enfatizando a real e poderosa presença de Deus, que traz a palavra falada à realidade pelo Espírito. Assim, o Espírito e a palavra operam juntos para apresentar como o único Deus é responsável por tudo o que é visto no universo físico. Desta forma, o invisível tornou-se o mundo físico, material, por meio do criativo e ativo Espírito²⁴.

Voltando à narrativa de Gênesis 1,1 - 2,4a, ela apresenta seis dias de atividade criadora, em duas partes principais, oito obras realizadas por Elohim nesses dias, e dez palavras de Elohim (“E Deus disse...”), demonstrando um ritmo regular nessa composição²⁵. Disso tudo, pode-se perceber também que as dez palavras atribuídas a Elohim possuem forte ligação com as Dez palavras dadas na montanha do Sinai²⁶ (Êxodo 20). Isso é significativo no contexto litúrgico, em que se celebra a Aliança, pois a primeira narrativa de Gênesis possui traços sacerdotais²⁷. Para Schwantes, o texto também está permeado da teologia do profetismo, que se contrapõe à espoliação do povo pobre; que desmitifica o imaginário idolátrico em relação aos astros; e que faz memória do culto ao Deus que cria soberanamente pela palavra, isto é, faz memória do culto ao Deus da palavra²⁸.

Em todo esse ritmo narrativo, Israel reflete sua esperança no Senhor, em meio a uma situação caótica que será transformada através da renovação da liturgia, da restauração do culto a Deus. O humano é visto como imagem de Deus (Gn 1,26), sacerdote da criação²⁹, e por esta ele responde, faz-se intermediário entre ela e Deus.

Essa experiência cültica culmina no sétimo dia, *shabat* (Gn 2,2-3), que, mesmo situado em uma narrativa cósmica, é profundamente internalizado na experiência particular dos judeus exilados³⁰, pois “a retórica da criação é posta a

²² Cf. HILDEBRANDT. Op. Cit., p. 52-54.

²³ Cf. BAUER, J. A narração da criação segundo o Escrito sacerdotal. In: SCHREINER, J. (Org.). *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*. 2ª Ed. São Paulo: Paulus/Teológica, 2004, p. 121.

²⁴ HILDEBRANDT. Op. Cit., p. 52.

²⁵ Cf. WÉNIN. Op. Cit., p. 20-25.

²⁶ Cf. WENIN. Op. Cit., p. 25-26.

²⁷ Cf. SCHWANTES, M. *Sofrimento e esperança no exílio. História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulinas, 2007, p. 145.

²⁸ Cf. SCHWANTES. Op. Cit., p. 143-145.

²⁹ Cf. ZIZIOLAS, I. *A criação como eucaristia. Proposta teológica ao problema da ecologia*. São Paulo: Mundo e Missão, 2001, p. 55-78.

³⁰ Cf. SCHWANTES. Op. Cit., p. 144.

serviço da identidade e da conduta de uma existência judaica intencional e consciente”³¹.

Além das considerações acima, acrescenta-se nesse paralelo entre criação e culto a íntima relação literária entre a liturgia da criação em Gênesis 1 e o relato sacerdotal da construção do tabernáculo (Êxodo 25-31):

As instruções para se montar o tabernáculo, dadas por Javé a Moisés, consistem em sete discursos que equivalem aos sete dias da criação e culminam, como em Gênesis 2,1-4a, nas provisões para o sábado (Êx 31,12-17). Além disso, a declaração de que finalmente ‘concluiu toda a obra do tabernáculo’ (Êx 39,32; 40,33) corresponde ao ‘fim’ da criação em Gênesis 2,4³².

Diante das questões que foram expostas, fica claro que existe uma estreita conexão entre o primeiro relato da criação em Gênesis e a dimensão cültica da fé judaica no período do exílio babilônico. O sentido dessa aproximação é realçar o papel do Espírito criador tanto na fé celebrada na primeira aliança, quanto na fé celebrada pelos cristãos na segunda aliança.

4 LITURGIA: EXPERIÊNCIA DO ESPÍRITO CRIADOR

Conforme argumentou Carmine Di Sante, o momento litúrgico é “lugar simbólico e imediato do encontro com Deus, o lugar onde não se fala de Deus, mas se fala a Deus, no qual não se pensa em Deus, mas se pensa diante de Deus, onde Deus não é objeto de reflexão, mas sujeito que nos dirige a palavra”³³. O Espírito de Deus invocado em oração torna-se presente na liturgia cristã e dirige-se a nós como experiência criadora e libertadora, configurando nossa existência no ideal apresentado na primeira criação em Gênesis. “O efeito da liturgia é criar um mundo alternativo de vida ordenada, possibilitado pela palavra e pela vontade poderosa de Javé”³⁴.

O texto do Gênesis convida-nos a louvar o Deus criador-salvador, a vivenciar a positividade de sua criação na liturgia, pela força do Espírito e da palavra, a tal ponto que para a teologia ortodoxa, “o universo inteiro é uma liturgia, uma liturgia cósmica que eleva toda a criação ao trono de Deus”³⁵.

Dessa forma, Espírito e palavra, criação e liturgia perfazem uma unidade suficientemente harmoniosa à luz da fé que se manifesta na celebração do povo plasmado em amor, pelo Deus da Aliança salvífica. O Espírito presenteia-se na celebração do povo de Deus, e essa celebração precede historicamente as Escrituras em sua forma final, como explica Boselli:

³¹ BRUEGGEMANN. Op. Cit., p. 223.

³² BRUEGGEMANN. Op. Cit., p. 697.

³³ DI SANTE, C. *Israel em oração: As origens da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 15.

³⁴ BRUEGGEMANN. Op. Cit., p. 223.

³⁵ ZIZIOLAS. Op. Cit., p. 79.

A comunidade precede as Escrituras, porque antes da Bíblia existe o povo da Bíblia. Teológica e cronologicamente, primeiro existe a experiência de fé dos fiéis, que reconhecem e confessam a obra salvífica de Deus, e depois existem as Escrituras, porque a comunidade dos que creem, que professa a sua fé em Deus e em suas obras de salvação, precede e é fundamento do livro das Escrituras. Antes, existe o evento operado por Deus, que a comunidade dos que creem, reconhecem ser evento de salvação para ela. Este reconhecimento é confissão de fé, e a confissão de fé é em si mesma celebração da fé, portanto ato litúrgico. Esta confissão litúrgica de fé torna-se testemunho escrito, instituído, porque permanente no tempo e no espaço, portanto normativo para a própria comunidade, que reconhece a Palavra de Deus contida naquilo que “está escrito”, norma da sua fé à qual ela se submete. É porque a fé da comunidade – que confessa e celebra as obras salvíficas de Deus – precede as santas Escrituras, que a assembleia litúrgica é lugar hermenêutico originário das Escrituras: elas se escutam e se compreendem plenamente na *ekklesia*, pois nasceram na assembleia litúrgica³⁶.

O povo cristão celebra a obra da salvação em Cristo Jesus, Verbo do Pai, na força do Espírito. Este é o Espírito transfigurador de toda a criação³⁷, que passa a ser vista como obra positiva de Deus, mesmo quando a situação concreta indica caos e negatividade³⁸. Assim, a celebração torna-se momento *fontal*, e nele a palavra de Deus é bem mais do que um ideal distante³⁹. Como afirmou o Concílio Vaticano II, a liturgia é “cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força”⁴⁰.

Consequentemente, o Espírito invocado na celebração cristã atualiza o Pentecostes como uma nova criação: “o Espírito difunde-se sobre aqueles que são habitados pela Palavra, faz com que eles ‘se lembrem’ dela para lhes fazer viver o acontecimento e ‘leva-os à plenitude da verdade’”⁴¹. Espírito e palavra novamente, como no princípio (Gênesis 1,1-3), continuam a comunicar a generosidade da graça de Deus no presente. O Espírito é Sopro da Palavra⁴². Cristo é essa Palavra criadora do Pai (Jo 1,1-14). Cristo também é a Verdade (Jo 14,6). Assim, a adoração a Deus na presente aliança só pode ser vivida como adoração “em espírito e em verdade” (Jo 4,23-24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas linhas buscaram afirmar a centralidade do Espírito no culto do povo de Deus, a partir da experiência do povo de Israel, transmitida no mito de Gênesis 1,1 - 2,4a. Assim como o Espírito participou da primeira criação, soprando sobre o caos original, antecipando a palavra de Elohim, transfigurando o mundo como um cosmo ordenado, ele transfigura a celebração do povo de Deus, unindo-se a ele pela palavra proclamada, pela comunhão eucarística, pela experiência da parti-

³⁶ BOSELLI. Op. Cit., p. 58.

³⁷ Cf. SANTANA. Op. Cit., p. 30.

³⁸ Cf. BRUEGGEMANN. Op. Cit., p. 698.

³⁹ Cf. CORBÓN, J. *A fonte da liturgia*. Lisboa: Paulinas, 1999, p. 89.

⁴⁰ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição dogmática Sacrosanctum Concilium*, Op. Cit., n. 10.

⁴¹ CORBÓN. Op. Cit., p. 92-93.

⁴² Cf. CORBÓN. Op. Cit., p. 114.

lha. A *epiclese*, invocação e efusão do Espírito alimentam a *ekklesia* de Deus, a esposa de Cristo, a cada culto. A vinda do Espírito em Pentecostes é antecipação escatológica da plenitude da vida eterna, pois o Espírito é vida. É a prefigura do banquete do Cordeiro. É renovação de toda a criação, e nela esse Espírito abre caminho para toda positividade e bondade do Pai.

O mesmo Espírito que atuou na primeira página da Bíblia, na liturgia da criação, continua, neste tempo escatológico, a proclamar com a Igreja desde a última página da Bíblia: *Maranata! Vem, Senhor*. Pneumatologia e cristologia confluem na origem e na consumação da história humana e da redenção. E continuamos a invocar esse mesmo Espírito criador e sustentador de tudo o que criou: *Veni Creator Spiritus!*

Eis por que esta fé, que recebemos da Igreja, guardamos com cuidado, como um depósito de grande valor, encerrado em vaso excelente e que, sob a ação do Espírito de Deus, renova-se e faz renovar o próprio vaso que a contém. Pois como fora entregue o divino sopro ao barro modelado, foi confiado à Igreja o 'Dom de Deus', a fim de que todos os seus membros pudessem dele participar e ser por ele vivificados⁴³.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSELLI, G. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- BRUEGGEMANN, W. **Teologia do Antigo Testamento. Testemunho, disputa e defesa**. São Paulo: Academia Cristã/ Paulus, 2014.
- CODINA, V. **Creio no Espírito Santo. Pneumatologia narrativa**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição *Sacrossanctum Concilium*. Sobre a sagrada liturgia**. 8ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CORBÓN, J. **A fonte da liturgia**. Lisboa: Paulinas, 1999.
- DI SANTE, C. **Israel em oração: As origens da liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FERNANDES, L.A. "Teologia, antropologia e ecologia em Gn 1,1 – 2,4a". In: **Atualidade Teológica 37**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011, p. 27-46.
- GOMES, C.F. **Antologia dos santos padres. Páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos**. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

⁴³ IRINEU DE LION. Contra as heresias. Livro III, 24,1. In: GOMES, C.F. *Antologia dos santos padres. Páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos*. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 123-124.

HILDEBRANDT, W. **Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã, 2004.

KLOPPENBURG, B. **Parákletos: O Espírito Santo**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARDONES, J.M. **A vida do símbolo: A dimensão simbólica da religião**. São Paulo: Paulinas, 2006.

RIBEIRO, O.L. “Vento tempestuoso: Um ensaio sobre a tradução e a interpretação de Gn 1,2 à luz de Jr 4”. In: **Fragments de Cultura** v. 12, n. 4, Goiânia: Ed. UCG, julho/agosto de 2002, p. 573-598.

SANTANA, L.F. **Liturgia no Espírito. O culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida**. São Paulo: Reflexão; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015.

SCHREINER, J. (Org.). **Palavra e mensagem do Antigo Testamento**. 2ª Ed. São Paulo: Paulus/Teológica, 2004.

SCHWANTES, M. **Sofrimento e esperança no exílio. História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.** São Paulo: Paulinas, 2007.

SESBOÜÉ, B. **O Espírito sem rosto e sem voz. Breve história da teologia do Espírito Santo**. Aparecida: Santuário, 2012.

VAZ, H.C.L. et al. **O Espírito Santo: Pessoa, presença, atuação**. Petrópolis: Vozes, 1973.

VERHEUL, A. “Los símbolos del Espíritu Santo en la Biblia y en la liturgia”. In: **Phase 90**, 1988, p. 3-29.

WÉNIN, A. **De Adão a Abraão ou as errâncias do humano. Leitura de Gênesis 1,1-12,4**. São Paulo: Loyola, 2011.

WESTERMANN, C. **O livro do Gênesis. Um comentário exegético-teológico**. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

ZIZIOULAS, I. **A criação como eucaristia. Proposta teológica ao problema da ecologia**. São Paulo: Mundo e Missão, 2001.